

Os romanos conheceram o alfabeto através de seus vizinhos etruscos. Estes, por sua vez, o receberam dos gregos, que foram os propagadores, na Europa, do alfabeto fenício, depois de o adaptarem à representação de seus fonemas.

Constava o alfabeto latino de 21 letras, que eram: a, b, c, d, e, f, g, h, i, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, x. Pode-se dizer que até aproximadamente o ano de 200 a.C., não conheceram os romanos outras letras além destas.

Na época de Augusto, foram incorporados ao alfabeto mais os caracteres y e z, empregados na transcrição das palavras gregas. Antes era o v representado por i e u, o ς por ss: Burrus (^{longa} βύρρος), massa (μάζα).

Como se vê, não havia letras diferentes para indicar as vogais longas e breves. Para obviar a esta falha do alfabeto, propôs o poeta Ácio (nascido em 170 a.C.), seguindo o uso osco e úmbrico, que se indicassem as longas a, e, o, u, pelo emprêgo das vogais simples duplicadas: paacem, seedes, etc. O i era representado ora por ei, ora por um i alongado: audeire, feliicem. A par destes expedientes, usou-se também indicar a vogal longa por um apex ('): confécit.

O i e u tinham duplo valor, de vogal e semivogal: cito, iam, flumen, uerbum. Propôs o imperador Cláudio que se empregasse o digama invertido Ƀ para representar a semivogal u. O mesmo imperador sugeriu que se usasse o sinal ʃ para transcrever certo u som latino, que vacilava entre i e u: manufestus e manifestus, inclutus e inclitus, mancupis e mancipis. Convém assinalar que tais inovações não sobreviveram à sua época. A consonantização do i em j e do u em v só se verificou depois do I séc. da era cristã. A criação, porém, destes caracteres data do Renascimento e se deve ao humanista francês Pierre La Ramée (1515-1572).

O h foi, a princípio, fortemente aspirado. Os gramáticos romanos não o consideravam uma letra, mas uma "nota aspirationis". Antes mesmo do aparecimento dos primeiros textos literários, já perdera essa aspiração a sua intensidade, passando a ser muito fraca no começo das palavras e quase imperceptível no interior. Não tardou assim que inteiramente desaparecesse.

Uma prova disso é que a presença do h não impediu o rotacismo do s, nem a contração das vogais: diríbeo (dis + habeo), nemo (nêhêmo). Tendo perdido o seu valor fonético de aspirada, serviu o h para indicar que as duas vogais de uma palavra não se ditongavam: ahenus, vehemens. A sociedade culta romana, entretanto, restabeleceu, no período clássico, a aspiração do h, e não aspirá-lo, por esse tempo, foi sinal de pouca educação ou de baixa condição social. * ① Ainda as pessoas menos instruídas timbravam por pronunciá-lo corretamente, imitando nisto as cultas. Daí ocorrerem certos empregos abusivos da aspiração. * Palavras que antes não eram aspiradas, passaram então a sê-lo, como humerus, (~~antes humerus~~) ^{humidus / humus / humidus} e outras, como anser (~~antes anser~~), perderam a aspiração, o que justifica a grafia sem o h. Catulo criticou um certo Arrius por pronunciar hinsidias por insidias (Carm. LXXXIV). Nos manuscritos, são freqüentes as oscilações gráficas. A par de arena, arundo, erus, inpex, olus encontram-se harena, harundo, herus, hirpex, holus. Não é de estranhar, portanto, que os gramáticos romanos pusessem tanto empenho em fixar os casos em que se tornava obrigatório o emprego do h. * ②

Como não havia primitivamente consoantes oclusivas aspiradas em latim, os caracteres ϕ, θ, χ, que as representavam em grego, foram empregados para exprimir valores numéricos. Assim, a metade do ϕ, isto é, D serviu para representar o número quinhentos; a metade do θ, primeiro Ϟ, depois C, indentificado com a inicial de centum, foi usado para indicar este número; o χ, depois de haver passado por κ, λ, fixou-se em L, com que se exprimiu o número cinquenta. A partir pouco mais ou menos de 200 a. C., adotaram os romanos o ph, th, ch, isto é, as oclusivas surdas p, t, c, seguidas do sinal de aspiração h, na transcrição das palavras gregas, em que entravam aquelas aspiradas: philtrum, thesaurus, chorus. É que então o contacto com a Grécia levava os romanos a proferirem tais palavras com aspiração. Anteriormente, quando a moda ainda se não introduzira, em Roma, de imitar a pronúncia grega, eram aquelas aspiradas transcritas pelo simples p, t, c: talamos, Corintus, Aciles. O emprego da aspiração, em tais casos, serviu de nota distintiva para extremar os homens cultos dos ignorantes, a alta sociedade da baixa. Muitas famílias romanas introduziram, como prova de alta nobreza, em seus nomes, o h, ou seja, a aspiração. Surgiram assim as grafias Gracchus, Cethegus, Otho, Thorius, em lugar das formas tradicionais romanas Graccus,

O n era línguo-dental e ^{palatal} gutural: lana, dignus. Era ^{palatal} gutural, quando precedia ou ~~seguiu~~ ^{seguiu} consoante oclusiva, surda ou sonora. Nos outros casos, ^{que se representava por n, a menos que em outros símbolos, e quando seguia de dental n,} tinha o valor de línguo-dental. Propôs Acio que, a exemplo do grego, se empregasse o g para representar o n ^{palatal} gutural: agceps (anceps), aggelus (angelus). Os modernos lingüistas ^{representa} figuram este som pelo sinal γ .

O s medial intervocálico era surdo em latim. Sonorizou-se aí pela metade do séc. IV a.C., passando então a r: corporis por corposis, honoris por honosis, floris por flosis. Por analogia com os casos oblíquos, encontra-se r final onde deveria estar s: honor, arbor. A esta transformação do s medial em r chamam os gramáticos rotacismo, palavra derivada do nome da letra grega ró (r). Afirma Cícero que foi L. Papisius Crassus, ditador no ano 339 a. C., quem primeiro teve o seu nome modificado em Papirius (Ad famili IX, 21,2). Mas a substituição do s por r, na escrita, deve-se a Apio Cláudio Cego. Foi, com efeito, êle que transformou a grafia Valesii, Fusii, em Valerii, Furii: r litteram invenit, ut pro Valesii Valerii essent, Fusii Furti (Digest., I, 2, 2, 26).

O m final era debilmente pronunciado. Nas inscrições antigas, vem quase sempre omitido. Diz Quintiliano que o m final, antes de palavra começada por vogal, embora fôsse escrito, era frouxamente proferido: etiam si scribitur, parum exprimitur (Instit. Orat., IX, 4, 40). Em seguida, acrescenta ^{esse também em substituição de m} que êle tinha aí o som de uma nova letra- novae litterae sonum, que alguns gramáticos identificam com a nasalização comunicada à vogal anterior. Segundo o depoimento de Velius Longus, servia-se o gramático Verrius Flaccus, para representar o m, nessa posição, da primeira metade do M, isto é, Λ .

No antigo latim, não se empregavam consoantes duplas ou geminadas. Foi o poeta Ênio quem introduziu êsse uso, com apoio na grafia grega. Os primeiros exemplos de duplicação de consoantes apparecem no decreto de Paulo Emílio, que é do ano 189 a.C. Mas tal inovação não se impôs logo. Nas inscrições, ainda depois dessa época, encontram-se consoantes simples em lugar das geminadas.

x x x

Pode-se resumir nas seguintes regras a verdadeira pronúncia do

Cetegus, Oto, Torius. Dos nomes próprios a moda passou aos comuns. Palavras latinas foram então vertidas à grega, como sulphur (sulpur), lachruma ou lachryma (lacrima), pulcher (pulcer), sepulchrum (sepulcrum), centurio (centurio). Refere Cícero que, em sua época, não se usava mais a pronúncia pulcer sem aspiração e que nem todos proferiam sepulchrum aspirado, o que ele também repelia (Orator, 48,160). O abuso da aspiração foi de tal ordem que Catulo o verberou no Carmen LXXXIV, como já foi dito.

O f foi, a princípio, bilabial. Provam-no grafias arcaicas como confluunt, im fronte. Cedo, porém, passou a lábio-dental. E' de mister ressaltar que não havia em latim f medial. ~~Nas palavras em que o osee-umbrie tinha f medial, apresentava o latim b ou d. E' este um dos caracteres diferenciais da língua de Cícero em face dos outros dialetos itálicos. O f interior só aparece, em latim, em palavras resultantes de empréstimo: asfer, serafa, rufus; ou de formas em que ele era originalmente inicial: fefelli (fallo), conficio (facio), infelix (felix).~~

Três eram os sinais utilizados primeiramente para representar, a exemplo dos etruscos, a oclusiva gutural surda: k, c, q. Empregava-se o k antes de a e de consoante: kaput, sakros; c antes de e e de i: centum, citra, ~~e s' entre d e m: domus, sum.~~ Para representar a oclusiva velar labializada, usava-se qu: quis. No correr do tempo, entretanto, amplia-se o emprêgo do c em prejuízo do k e do q. O primeiro só permaneceu nas abreviaturas. K (Kaeso, ~~nome próprio~~ ^{homenage}), k ou kal. (= calendae), kk. (= castra). O q só foi conservado em vocábulos do tipo: coquo, agua, quam.

O C, além de representar a oclusiva surda gutural (K), servia também para transcrever a sonora homorgânica (G), o que dava motivo a confusão. Atribui Plutarco a Spúrio Servílio Ruga a invenção da letra C, para o que se utilizou do G, ajuntando-lhe na extremidade inferior um traço horizontal (Quaest. Rom., 34). Mas outros supõem que tenha sido o seu inventor Ápio Cláudio Cego. Nas abreviaturas dos nomes próprios, continuou o C a ser usado em lugar do G: C. (Gaius), Cn. (Gnaeus).

O l tinha dois valores em latim: velar e palatal. Era velar ^{antes} antes de a, e, o, u, e de qualquer consoante que não fôsse l; palatal ^{antes} antes de i e de outro l. Esta dupla pronúncia do l refletia-se no tratamento diferente da vogal breve anterior. E' isso que explica formas como uolo, nolebam, uolu-

1- As vogais breves eram mais abertas que as longas correspondentes.

2- Nos ditongos, faziam-se ouvir distintivamente os dois elementos: ae, oe.

3- O i e u antes de vogal eram proferidos como as semivogais portuguesas em série, quatro.

4- O c e o g tinham respectivamente o valor de nossa oclusiva surda (k) e sonora (g), ainda antes de e e i: conser (^{cinis} ~~conser~~ ^{kinis} ~~conser~~), gero (g (u) ero)

5- O x era pronunciado, em qualquer posição, cs : nexus (necsus dux (ducs)).

6- O m final era fracamente proferido.

7- O m antes de s não era pronunciado, o que explica abreviaturas, como cos. (consul).

8- O ^{h, o} ch, th, ph, eram articulados com aspiração.

9- O ti seguido de vogal era proferido ti, como na palavra portuguesa pátio, e não como ci.

10- O g era pronunciado como dz: gaza (gadza)

11- O s era surdo, mesmo entre vogais
12- O z tinha o som do z francês.

ē > ê : acētū > agēdo, secrētū > segrēdo

ĕ > é : dēce > de, breve > breua

ō > ô : tōta > todo, flōre > flor

ō > ó : nōta > nota, mōve > move

ī > ê : pīce > pe, mīce > vez

ū > ô : lūpa > lôto, lūta > lôdo

Um alfabeto etrusco, derivado de 26 letras, derivadas em ...
em ... desde a parte dos latinos, semelhantes às dos caracteres etruscos
mas não deixa nenhuma dúvida a respeito.

ALFABETO LATINO, LETRAS E FONEMAS. PRONÚNCIA

Os romanos conheceram o alfabeto através de seus vizinhos etruscos. Estes, por sua vez, o receberam dos gregos, que foram os propagadores, na Europa, do alfabeto fenício, depois de o adaptarem à representação de seus fonemas.

Constava o alfabeto latino de 21 letras, que eram: a, b, c, d, e, f, g, h, i, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, x. Pode-se dizer que até aproximadamente o ano de 200 a.C., não conheceram os romanos outras letras além destas.

Na época de Augusto, foram incorporados ao alfabeto mais os caracteres y e z, empregados na transcrição das palavras gregas. Antes era o y representado por u, o z por -s- e -ss-: Eurrus (Πύργος), sona (Σώνη), massa (μάζα).
Como se vê, não havia letras diferentes para indicar as vogais longas e breves. Para obviar a esta falha do alfabeto, propôs o poeta Ácio (nascido em 170 a.C.), seguindo o uso osco, que se indicassem as longas a, e, i, u, pelo emprêgo de vogais duplicadas: paacem, seedes, luucci. Propôs que o i fosse transcrito por ii: auudeire. Com efeito, na pronúncia ii e ei se confundiam. ii representado por um i alongado: felicem. A par destes expedientes, usou-se também indicar a vogal longa por um apex ('): confécit.
O i e u tinham duplo valor, de vogal e semivogal: cito, iam, flumen, uerbum. Propôs o imperador Cláudio que se empregasse o digama invertido ɿ para representar a semivogal u. O mesmo imperador sugeriu que se usasse o sinal ʃ para transcrever certo som latino, que vacilava entre i e y: manifestus e manifestus, inclutus e inclitus, mancupis e mancipis.
Convém assinalar que tais inovações não sobreviveram à sua época. A consonantização do i em j e do u em v só se verificou depois do I séc. da Era Cristã. A criação, porém, destes caracteres data do Renascimento e se deve ao humanista francês Pierre La Ramée (1515-1572).
O h foi, a princípio, fortemente aspirado. Os gramáticos romanos

Na época de Cláudio, antes o alfabeto era de 21 letras: "Sunt litterae viginti et una" (Ver Quintil., Institut. Orat., I, 7, 2; Perentius Scaurus, Fr. G. L., VII, 18, 14 K.) (3).
mas adicionou-se a letra "z" (Ver Plin., Hist. Nat., II, 7 K.).

Como se vê, não havia letras diferentes para indicar as vogais longas e breves. Para obviar a esta falha do alfabeto, propôs o poeta Ácio (nascido em 170 a.C.), seguindo o uso osco, que se indicassem as longas a, e, i, u, pelo emprêgo de vogais duplicadas: paacem, seedes, luucci. Propôs que o i fosse transcrito por ii: auudeire. Com efeito, na pronúncia ii e ei se confundiam. ii representado por um i alongado: felicem. A par destes expedientes, usou-se também indicar a vogal longa por um apex ('): confécit.
O i e u tinham duplo valor, de vogal e semivogal: cito, iam, flumen, uerbum. Propôs o imperador Cláudio que se empregasse o digama invertido ɿ para representar a semivogal u. O mesmo imperador sugeriu que se usasse o sinal ʃ para transcrever certo som latino, que vacilava entre i e y: manifestus e manifestus, inclutus e inclitus, mancupis e mancipis.
Convém assinalar que tais inovações não sobreviveram à sua época. A consonantização do i em j e do u em v só se verificou depois do I séc. da Era Cristã. A criação, porém, destes caracteres data do Renascimento e se deve ao humanista francês Pierre La Ramée (1515-1572).
O h foi, a princípio, fortemente aspirado. Os gramáticos romanos

Como se vê, não havia letras diferentes para indicar as vogais longas e breves. Para obviar a esta falha do alfabeto, propôs o poeta Ácio (nascido em 170 a.C.), seguindo o uso osco, que se indicassem as longas a, e, i, u, pelo emprêgo de vogais duplicadas: paacem, seedes, luucci. Propôs que o i fosse transcrito por ii: auudeire. Com efeito, na pronúncia ii e ei se confundiam. ii representado por um i alongado: felicem. A par destes expedientes, usou-se também indicar a vogal longa por um apex ('): confécit.
O i e u tinham duplo valor, de vogal e semivogal: cito, iam, flumen, uerbum. Propôs o imperador Cláudio que se empregasse o digama invertido ɿ para representar a semivogal u. O mesmo imperador sugeriu que se usasse o sinal ʃ para transcrever certo som latino, que vacilava entre i e y: manifestus e manifestus, inclutus e inclitus, mancupis e mancipis.
Convém assinalar que tais inovações não sobreviveram à sua época. A consonantização do i em j e do u em v só se verificou depois do I séc. da Era Cristã. A criação, porém, destes caracteres data do Renascimento e se deve ao humanista francês Pierre La Ramée (1515-1572).
O h foi, a princípio, fortemente aspirado. Os gramáticos romanos

Como se vê, não havia letras diferentes para indicar as vogais longas e breves. Para obviar a esta falha do alfabeto, propôs o poeta Ácio (nascido em 170 a.C.), seguindo o uso osco, que se indicassem as longas a, e, i, u, pelo emprêgo de vogais duplicadas: paacem, seedes, luucci. Propôs que o i fosse transcrito por ii: auudeire. Com efeito, na pronúncia ii e ei se confundiam. ii representado por um i alongado: felicem. A par destes expedientes, usou-se também indicar a vogal longa por um apex ('): confécit.
O i e u tinham duplo valor, de vogal e semivogal: cito, iam, flumen, uerbum. Propôs o imperador Cláudio que se empregasse o digama invertido ɿ para representar a semivogal u. O mesmo imperador sugeriu que se usasse o sinal ʃ para transcrever certo som latino, que vacilava entre i e y: manifestus e manifestus, inclutus e inclitus, mancupis e mancipis.
Convém assinalar que tais inovações não sobreviveram à sua época. A consonantização do i em j e do u em v só se verificou depois do I séc. da Era Cristã. A criação, porém, destes caracteres data do Renascimento e se deve ao humanista francês Pierre La Ramée (1515-1572).
O h foi, a princípio, fortemente aspirado. Os gramáticos romanos

Como se vê, não havia letras diferentes para indicar as vogais longas e breves. Para obviar a esta falha do alfabeto, propôs o poeta Ácio (nascido em 170 a.C.), seguindo o uso osco, que se indicassem as longas a, e, i, u, pelo emprêgo de vogais duplicadas: paacem, seedes, luucci. Propôs que o i fosse transcrito por ii: auudeire. Com efeito, na pronúncia ii e ei se confundiam. ii representado por um i alongado: felicem. A par destes expedientes, usou-se também indicar a vogal longa por um apex ('): confécit.
O i e u tinham duplo valor, de vogal e semivogal: cito, iam, flumen, uerbum. Propôs o imperador Cláudio que se empregasse o digama invertido ɿ para representar a semivogal u. O mesmo imperador sugeriu que se usasse o sinal ʃ para transcrever certo som latino, que vacilava entre i e y: manifestus e manifestus, inclutus e inclitus, mancupis e mancipis.
Convém assinalar que tais inovações não sobreviveram à sua época. A consonantização do i em j e do u em v só se verificou depois do I séc. da Era Cristã. A criação, porém, destes caracteres data do Renascimento e se deve ao humanista francês Pierre La Ramée (1515-1572).
O h foi, a princípio, fortemente aspirado. Os gramáticos romanos

Como se vê, não havia letras diferentes para indicar as vogais longas e breves. Para obviar a esta falha do alfabeto, propôs o poeta Ácio (nascido em 170 a.C.), seguindo o uso osco, que se indicassem as longas a, e, i, u, pelo emprêgo de vogais duplicadas: paacem, seedes, luucci. Propôs que o i fosse transcrito por ii: auudeire. Com efeito, na pronúncia ii e ei se confundiam. ii representado por um i alongado: felicem. A par destes expedientes, usou-se também indicar a vogal longa por um apex ('): confécit.
O i e u tinham duplo valor, de vogal e semivogal: cito, iam, flumen, uerbum. Propôs o imperador Cláudio que se empregasse o digama invertido ɿ para representar a semivogal u. O mesmo imperador sugeriu que se usasse o sinal ʃ para transcrever certo som latino, que vacilava entre i e y: manifestus e manifestus, inclutus e inclitus, mancupis e mancipis.
Convém assinalar que tais inovações não sobreviveram à sua época. A consonantização do i em j e do u em v só se verificou depois do I séc. da Era Cristã. A criação, porém, destes caracteres data do Renascimento e se deve ao humanista francês Pierre La Ramée (1515-1572).
O h foi, a princípio, fortemente aspirado. Os gramáticos romanos

(1) O C tinha o princípio dos sons, o / di
K e do G. ~~As~~ ^{As} abreviações de Gaius e Greus
constituíram os nomes apresentados por C.
e Cn.

(2) O C + que foi a forma truncada das gens
(F) que representava o valor de K
entre os etruscos, que usavam o sonor
também em latim, ele representa o sonor
sonor. Em latim, ele representa o sonor
K e do F que G e início. Wais tarde,
uma linha horizontal abscida do parte inferior
do C, abscida G, distinção em um dos letras,
que representa a ter próxima de de
representa a velar sonor
e G a valor sonor. A ciac desta letra é
atribuída por Plutarco a Spartius Cornelius Rufus,
circa de 283 a. C., mas provavelmente foi Cipio Blancus
que a introduziu no alfabeto em lugar de outros sonoros do R
entre as abreviações B, para o nome de
que representa o valor sonor de Cn.
que representa o valor sonor de Cn.

que representa o valor sonor de Cn.
que representa o valor sonor de Cn.

(3) A par do apex, empregou-se, desde o tempo de Sila,
um I abscida para distinguir o I um I abscida,
que representa o valor sonor de Cn. de outros letras:
FELICE, VICUS.

aparecimento dos primeiros textos literários, já perdera essa aspiração a sua intensidade, passando a ser muito fraca no começo das palavras e quase imperceptível no interior. Não tardou assim que inteiramente desaparecesse. Uma prova disso é que a presença do h não impediu o rotacismo do s, nem a contração das vogais: diribeo (*dis+habeo), nemo (*nehemo). [Tendo perdido o seu valor fonético de aspirada, serviu o h para indicar que as duas vogais de uma palavra não se ditongavam: ahenus. A sociedade culta romana, entretanto, restabeleceu, no período clássico, a aspiração do h, e não aspirá-lo, por esse tempo, ^{era} ~~foi~~ sinal de pouca educação ou de baixa condição social. Aulus Gellius, citando Nigidius, diz que a linguagem se tornava rústica, quando se aspirava uma palavra indevidamente: "rusticus fit sermo si aspices perperam." (A. Gell., Noct. Atticae, XIII, 6). ^{homo} ~~Ainda~~ as pessoas menos instruídas timbravam por pronunciá-lo corretamente, imitando nisto as cultas. Daí ocorrerem certos empregos abusivos da aspiração. Palavras, que antes não eram aspiradas, passaram então a sê-lo, como humerus, humor, humidus. Catulo criticou um certo Arrius por pronunciar hinsidias por insidias (Carm. LXXXIV). [Nos manuscritos, são freqüentes as oscilações gráficas. A par de arena, arundo, erus, irpex, olus, encontram-se harena, harundo, herus, hirpex, holus. Não é de estranhar, portanto, que os gramáticos romanos pusessem tanto empenho em fixar os casos em que se tornava obrigatório o emprêgo do h. Até o tempo de S. Agostinho, não perdera ainda a aspiração a sua força, porquanto, falando de um orador, preocupado com a glória da eloquência, diz o santo que êle punha tôda a diligência em não cometer um lapso de aspiração, mas não procurava reprimir a língua, para evitar a morte de um homem (Confess., I, 18). Os gramáticos latinos ^{consideravam} ~~diziam~~ que o h ^{era} ~~era~~ ^{nota aspirativa}.

Como não havia primitivamente consoantes oclusivas aspiradas em latim, os caracteres Φ , Θ , Ψ , que as representavam em grego, foram empregados para exprimir valores numéricos. Assim o Φ sob a forma M foi usada para indicar o número mil, e a metade ^{era} ~~era~~, isto é, D serviu para representar o número quinhentos; a metade do Θ , primeiro G, depois C, identificado com a inicial de centum, foi usada para indicar êste número; o Ψ , depois de haver passado por \downarrow L , ^L fixou-se em L, com que se exprimiu o número cinquenta. A partir pouco mais ou menos de 200 a.C. adotaram os romanos

o ph, th, ch, isto é, as oclusivas surdas p, t, c, seguidas do sinal de aspiração h, na transcrição das palavras gregas, em que entravam aquelas aspiradas: philtrum, thesaurus, chorus. É que então o contacto com a Grécia levava os romanos a proferirem tais palavras com aspiração. Anteriormente, quando a moda ainda se não introduzira, em Roma, de imitar a pronúncia grega, eram aquelas aspiradas, transcritas pelo simples p, t, c: purpura (gr. πορφύρα), Corintus (gr. Κόρινθος), Aciles (gr. Ἀχιλλεύς). O emprêgo da aspiração, em tais casos, servia de nota distintiva para extremar os homens cultos dos ignorantes, a alta sociedade da baixa. Muitas famílias romanas introduziram, como prova de alta nobreza, em seus nomes, o h, ou seja, a aspiração. Surgiram assim as grafias Gracchus, Cethegus, Otho, Thorius, em lugar das formas tradicionais romanas Graccus, Cetegus, Oto, Torius. Dos nomes próprios a moda passou aos comuns. Palavras latinas foram então vestidas à grega, como sulphur (sulpur), lachruma ou lachryma (lacrima), pulcher (pulcer), sepulchrum (sepulcrum), centurio (centurio). Refere Cícero que, em sua época, não se usava mais a pronúncia pulcer sem aspiração e que nem todos proferiam sepulchrum aspirado, o que êle também repelia (Orator, 48, 160). O abuso da aspiração foi de tal ordem que Catulo o verberou no Carmen LXXXIV, como já foi dito.

O f foi, a princípio, bilabial. Provam-no grafias arcaicas como comfluent, im fronte. Cedo, porém, passou a lábio-dental. É de mister ressaltar que não havia em latim f medial, as palavras, em sua íte aparece numa situação, nas latinas, mas empurta-se assim, serafa, uafes, uafes

Três eram os sinais utilizados primeiramente para representar, a exemplo dos etruscos, a oclusiva gutural surda: k, c, q. Empregava-se o k antes de a e de consoante: kaput, sakros; c antes de e e de i: centum, citra; o q antes de o, u: qomes, qura. Para representar a oclusiva velar labializada, usava-se qu: quis. No correr do tempo, amplia-se o emprêgo do c em prejuízo do k e do q. O primeiro só permaneceu nas abreviaturas: K. (Kaeso, prenome), k. ou kal. (calendae); kk. (castra). O q só foi conservado em vocábulos do tipo: coquo, aqua, quam.

O l tinha dois valores em latim: velar e palatal. Era velar no fim da palavra, antes de a, e, o, u, e de outra consoante que não fôsse l; palatal, no começo das palavras, antes de i e de outro l. Esta dupla pro-

núncia do l refletia-se no tratamento diferente da vogal breve anterior. É isso que explica formas como uolo, uolebam, uolumus, uolam e uelim, uellem.

O n era línguo-dental e palatal: lana, dignus. Era palatal, quando precedia oclusiva ^{quadrada} surda ou sonora, caso em que era representado por n, à língua de outro símbolo, ^{por g} e quando seguido da dental n. ~~Por g~~ Nos outros casos, tinha o valor de línguo-dental. Propôs Ácio que, a exemplo do grego, se empregasse o g para representar o m palatal: agceps (anceps), aggelus (angelus). Os modernos lingüistas representam este som pelo sinal η .

O s-medial intervocálico era surdo em latim. Sonorizou-se aí pela metade do séc. IV a.C., passando então a r: corporis por corpesis, honoris por honosis, floris por flosis. Por analogia com os casos oblíquos, encontra-se r final onde deveria estar s: honor, arbor. A esta transformação do s-medial em r chamam os gramáticos rotacismo, palavra derivada do nome da letra grega rho (r). Afirma Cícero que foi L. Papisius Crassus, ditador no ano 339 a.C., quem primeiro teve seu nome modificado em Papirius (Ad famil., IX, 21, 2). Mas a substituição ^{deprimitiva} do s por r, na escrita, deve-se a Apio Cláudio Cego, ^{312 e consul em 307 e 296 a.C.} Foi, com efeito, ele que transformou a grafia Valesii, Fusii, em Valerii, Furii: r litteram invenit, ut pro Valesii Valerii essent, Fusii Furii. (Digest., I, 2, 2, 26).

O m final era debilmente pronunciado. Nas inscrições antigas, vem quase sempre omitido. Diz Quintiliano que o m final, antes da palavra começada por vogal, embora fôsse escrito, era frouxamente proferido: etiam si scribitur, parum exprimitur. (Instit. Orat., IX, 4, 40). Assim acontecia em multum ille, quantum erat. Em seguida, acrescenta que ele tinha aí o som de uma nova letra novae litterae sonum, que alguns gramáticos identificam com a nasalização comunicada à vogal anterior. Segundo o depoimento de Velius Longus, servia-se o gramático Verrius Flaccus, para representar o m, nessa posição, da primeira metade do M, isto é, Λ . ^{já antes, antes se ocorre a uma Σ (m final)} Em alguns gramáticos identificaram falsamente com Λ .

No antigo latim, não se empregavam consoantes duplas ou geminadas. Foi o poeta Ennio, quem introduziu esse uso, com apoio na grafia grega. Os primeiros exemplos de duplicação de consoantes aparecem no decreto de Paulo Emilio, que é do ano 189 a.C. Mas tal inovação não se impôs logo. Nas inscri-

(turri, essent, oppidum, vellet, dissidere)